

O início da Idade Média

A igreja havia passado de igreja de perseguida a igreja poderosa, unida ao Império Romano no séc. IV, mas este estado acabaria durando apenas um século. O Império Romano se ergue sobre boa parte do mundo antigo, mas haviam as porções de terra além dos limites do império, territórios nos quais viviam os bárbaros. Os limites do império ficavam situados as margens dos rios Danúbio e Reno e os “bárbaros” eram os povos que viviam além dos limites do império e que não eram “civilizados” pela cultura greco-romana. O fato é que muitos bárbaros foram atraídos pela riqueza que existia dentro do império e começaram a migrar para dentro do tecido do mesmo.

Assim, muitos bárbaros fizeram acordos com imperadores romanos e foram acolhidos sob o título de “federados”, muitos passando a compor as fileiras do exército romano. O próprio invasor godo Alarico fora oficial romano e combatente na batalha de Aquileia de 394. Depois de muitos bárbaros ingressarem no império sob acordos e tratados, uma onda de agitações começou a mover os exércitos bárbaros na direção do sul da Europa e essas invasões dos povos bárbaros viria a causar a queda do Império Romano Ocidental sediado em Roma e este fato viria a iniciar um novo tempo e um novo cenário: a Idade Média caracterizada pelos feudos europeus e pela ascensão da Igreja Católica Apostólica Romana.¹

O fato que marca a queda do Império Romano do Ocidente é a tomada de Roma pelos godos liderados por Alarico em 410,² contudo toda a Europa foi varrida por diversas invasões de diversos povos bárbaros. Justo González destaca dois fatos importantes: o primeiro é que os bárbaros não desejavam destruir e aniquilar o império romano, mas participar e usufruir de sua riqueza; o segundo fato é que muitos bárbaros invasores eram também cristãos. Vários povos bárbaros haviam sido alcançados por cristãos missionários do partido ariano da igreja oriental no tempo em que se debatia profundamente a questão entre a fé nicena e o arianismo. Logo, havia entre os visigodos, ostrogodos e vândalos cristãos arianos e esse fato daria início a novas disputas entre o arianismo e a fé trinitária agora no ocidente com marcantes discussões nos séculos V e VI. A seguir, um breve resumo das invasões bárbaras.

Os vândalos liderados por Genserico estabeleceram seu reino no norte da África, na cidade de Cartago em 439 e promoveram um enorme saque de Roma em 455. Genserico era ariano convicto e perseguiu duramente os bispos católicos (trinitarianos) no norte da África, chegando a torturas e a comandar a amputação da língua de alguns. O resultado foi que o cristianismo enfraqueceu enormemente devido as disputas internas e um século e meio depois o cenário de divisão entre os cristãos se tornou perfeito para a expansão do islamismo que aniquilou a presença cristã.

Os visigodos detinham parte da França mas foram confinados a Espanha, dos quais o primeiro rei visigodo foi Ataúlfo (414). Os reis visigodos eram arianos até que Cararico se converteu em 550 devido a cura milagrosa de um filho. Então Cararico instituiu o abade Martinho como Arcebispo de Braga. Martinho era trinitariano e dedicou-se a propagar sua fé até que em sua morte em 580 o arianismo estava praticamente extinto na região. Por volta de 710 o reino visigodo foi derrotado pela invasão muçulmana na Espanha.

Na região da França, na época conhecida como Gália, os bárbaros burgúndios dividiam as terras com os bárbaros francos. Os burgúndios eram arianos e os francos eram pagãos e obviamente haviam católicos na região. Com o tempo os francos acabaram vencendo os burgúndios e o império franco uniu-se sob Clóvis em 486. Mais tarde Clóvis se converteria, sendo batizado no dia de Natal de 496. No séc. VII iniciou-se a ascensão dos Carolíngios que culminou em Carlos Magno e havia um vínculo entre a igreja e os imperadores, com muitos bispos sendo funcionários do rei, lembrando Constantino.

Nas ilhas britânicas o império romano tinha conquistado apenas o sul (hoje Inglaterra) e a invasão dos anglos e saxões que vinham do norte da Europa deu origem a sete reinos bárbaros. No entanto, é importante destacar que os romanos nunca chegaram a Irlanda, que possui grande relevância nesse período da história da igreja por causa da figura de Patrício. Patrício (385-461) era um filho de oficial romano que vivia na Grã-Bretanha e foi sequestrado por um bando de irlandeses, vivendo vários anos como escravo ali. Após conseguir escapar retornou a Grã-Bretanha mas pouco tempo depois recebeu em sonhos um chamado para voltar a Irlanda para pregar o Evangelho e após seu retorno Patrício obteve grande êxito, chegando a batizar multidões e organizar uma igreja irlandesa em certo aspecto independente da igreja católica do continente, em especial por que os que detinham o poder eclesiástico não eram os bispos como no continente mas os abades dos mosteiros. A igreja irlandesa se tornou uma igreja missionária que enviou missionários históricos como Columba de Iona (521-597), que fundou um mosteiro em Iona na Escócia que se tornou um ponto de envio de missionários a todo o reino dos anglos e saxões. Em 599 o Papa Gregório enviou uma missão de monges liderados por Agostinho de

¹ GONZALEZ, Justo. *História Ilustrada do Cristianismo: a era dos mártires até a era dos sonhos frustrados*. São Paulo: Vida Nova, 2011, p.219-275

² FERREIRA, Franklin. *A igreja cristã na história: das origens aos dias atuais*. São Paulo: Vida Nova, 2013, p.83

Cantuária a Grã-Bretanha e quando começou a crescer os convertidos a fé católica do continente, nasceu um conflito entre a igreja cristã resultante da missão da igreja irlandesa fundada por Patrício e da igreja fundada por Agostinho. Um concílio foi convocado em 633, diante do qual o rei da Nortúmbria Oswiu posicionou-se a favor do cristianismo do continente, rechaçando a tradição irlandesa. No meio de tanta instabilidade política e militar, com frequentes invasões e lutas entre bárbaros, o período do século V ao VIII foi marcado por ansiedades e angústia. Neste cenário, a igreja ocidental desempenhou o papel que viria determinar seu futuro pois a igreja ocidental desempenhou um papel estabilizador e preservador da cultura antiga por meio de duas instituições: o papado e o monasticismo. Essas instituições juntas deram a sociedade a estabilidade e a continuidade no ocidente que o império romano já não oferecia, diferente do império romano no oriente. Nestes tempos incertos e negros, o papado e o monasticismo ocidental unidos foram o cimento da Europa.

O papado e o monasticismo ocidental

No oriente, ainda no tempo de Constantino, parte da igreja que não viu com bons olhos a crescente associação entre a igreja e o império retirou-se para os desertos e os Pais do Deserto encabeçaram o movimento monástico oriental, que era forte e vigoroso nos lugares ermos do Egito, da Síria e da Capadócia. Contudo, o monasticismo não havia alcançado a mesma envergadura na Europa, no cristianismo ocidental. Justo González destaca duas possíveis causas: a primeira é o profundo espírito pragmático dos romanos que influenciava a cultura ocidental, de maneira que os cristãos do ocidente viam com desconfiança a disciplina, a solidão e as práticas rigorosas de jejum que os monges orientais impunham a si mesmos; a segunda causa é que a solidão dos monges orientais não era atraente aos cristãos ocidentais, que sempre preferiram o monasticismo comunitário ao eremita. Dizendo de outra maneira, o rigor e a disciplina com o foco em uma espiritualidade mais mística, profunda e com experiências espirituais marcante no discurso do monasticismo oriental não cativava os cristãos influenciados pela cultura prática, relacional e mais objetiva do ocidente.

Assim, quem conseguiu traduzir os ideais monásticos para uma forma mais adaptada ao espírito do oriente foi Bento de Núrsia (480-547). Bento de Núrsia por volta de vinte anos de idade retirou-se para viver como monge eremita em uma caverna, e mais tarde desenvolveu a filosofia monástica de que a disciplina do monge deveria servir a um fim maior, ter uma utilidade no serviço a Deus. Assim, monges se uniram a ele e Bento retirou-se para Monte Cassino para fundar um mosteiro para o qual formulou a famosa “Regra de São Bento”: 73 breves capítulos com o fim de orientar a vida no mosteiro que se tornaram o principal documento do monasticismo ocidental. A Regra era muito mais prática e executável que as práticas do monasticismo oriental e mas regulava a permanência do monge em um mosteiro – evitar mudanças frequentes de mosteiro por motivos impróprios – e também a necessidade de obediência ao abade, regulando níveis de autoridade e submissão na vida monástica. Até mesmo a pobreza, marcante no monasticismo oriental, foi relida no sentido de ser uma maneira de unir e servir a comunidade.

Os mosteiros beneditinos se expandiram e se tornaram o grande centro de conhecimento da Idade Média, pois ali se copiava os manuscritos da antiguidade – evitando seu desaparecimento – e também se educavam as crianças que eram levadas para serem consagradas desde a infância a vida monástica e também os filhos dos nobres. Os monges foram os professores da Europa em todo esse período, papel que antes pertencia às academias e escolas de filosofia, retórica e outras artes espalhadas pelo império. Além disso, os monges se dedicavam à agricultura e alimentaram a Europa faminta muitas vezes em momentos de crise, guerra e pestes inúmeras.

A outra instituição que colaborou de forma definitiva foi o papado. Remontando sobre tradições que apontariam a Pedro e sua morte em Roma sob a perseguição de Nero, o cristianismo ocidental foi concedendo um lugar de destaque cada vez maior ao bispo de Roma entre os outros bispos, até surgir a figura do Papa Leão I, “o Grande” (390-461). Eleito bispo de Roma em 440, Leão I teve um importante papel religioso no Concílio de Calcedônia (451) mas um notável papel político ao ir ao encontro de Átila, o Huno, em 452, a fim de dissuadi-lo de invadir Roma. Lendas circulam no entorno desse encontro, mas o fato é que Átila retirou-se de invadir uma Roma completamente desprotegida quando já havia invadido e saqueado boa parte da Itália.

Certamente o mais notório sucesso de Leão I e que contribuiu para definir o status do papado foi Gregório I, “o Grande”, papa entre 590 e 604. Gregório parece ter sido prefeito de Roma antes de ser monge. Foi também diácono e embaixador do Papa Pelágio II em Constantinopla, até assumir o papado com Roma destruída pelos bárbaros e por uma peste que dizimava a cidade. Gregório exibiu uma notável capacidade administrativa e política, como teólogo sendo intérprete dos Pais da Igreja, principalmente de Agostinho. No entanto, foi o próprio Gregório que distorceu a doutrina agostiniana da eleição e da graça irresistível, substituindo-as pela doutrina da satisfação dos pecados, na qual podemos oferecer a Deus uma reparação pelos pecados mediante penitências, que são basicamente arrependimento acompanhado de penas, castigos e exercícios espirituais semelhantes. O sacerdote é então o recebedor da penitência e quem decreta o perdão divino. Também aparece definitivamente na teologia de Gregório o purgatório, que Agostinho chegou a considerar em suas obras mas que Gregório tomou por certo: um lugar no qual após a morte se expiam pecados não penitenciados em vida. Gregório incorporou a fé cristã várias crenças e superstições de seu tempo, marcando o período subsequente do cristianismo ocidental com um grande sincretismo.